

HEIDERMANN, WERNER (ORG.), (2001)

*Clássicos da Teoria da Tradução – Antologia Bilingüe*, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina / Núcleo de Tradução, Vol. 1: Alemão-Português

JORGE MIGUEL BASTOS DA SILVA

FAC. DE LETRAS, UNIVERSIDADE DO PORTO

Há vários anos que o Núcleo de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil) vem dando contributos valiosos para a nossa área de estudos, mormente através da publicação regular, desde 1996, de *Cadernos de Tradução*, um periódico de especialidade bem concebido, com apreciação e selecção *inter pares* dos trabalhos admitidos. Apraz-nos agora registar o aparecimento desta antologia de *Clássicos da Teoria da Tradução*, de que se encontra publicado, à data, o primeiro volume, dedicado ao ensaísmo de língua alemã. O plano geral da obra, segundo nos foi particularmente comunicado pelo próprio Núcleo de Tradução, compreende, por esta ordem: um volume de textos originalmente em francês, a ser lançado no final de 2002; um volume de textos em inglês, a sair ainda em 2002 ou em inícios de 2003; um volume de textos em italiano, em Abril de 2003; e depois, ainda sem data programada, um volume de textos latinos e um volume de textos em espanhol, sendo provável que venha a juntar-se a estes um volume que reunirá textos originalmente em árabe, hebraico e japonês. Compondo, desta maneira, um quadro de notável abrangência e diversidade, esta série de antologias (bilingues, para mais) promete tornar-se uma obra de referência e um instrumento de trabalho ímpar no mundo lusófono, e talvez longe de igualado por projectos congéneres vindos de outros quadrantes geográficos e culturais, no âmbito dos Estudos de Tradução.

No primeiro volume da série, os autores representados são Goethe, Schleiermacher, Humboldt, A. W. Schlegel, Hölderlin, Schopenhauer, Nietzsche e Benjamin. Os textos apresentam-se em versões escrupulosas, a cargo de vários tradutores, e face ao original, em páginas alternadas, à mão de cotejar. Com inteira justeza, o ensaio de Schleiermacher

"Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens" e o de Benjamin "Die Aufgabe des Übersetzers" são incluídos em versões integrais. São, de facto, *clássicos* incontestáveis (como o são os textos de Goethe e de Schopenhauer), cujo encurtamento corresponderia a um truncamento lamentável. De resto, não carece de apologia a riqueza de uma tradição crítica e teórica vernácula da primeira importância no âmbito dos Estudos de Tradução como é a germânica, desde logo reconhecível na importância que para a cultura do Ocidente tem uma figura como Lutero ou têm os trabalhos de filologia de uma série de investigadores oitocentistas. E é tanto mais de saudar a publicação de uma colectânea como a presente quanto o alemão não é um dos idiomas melhor dominados pelos círculos académicos do mundo lusófono e não abundam materiais de trabalho deste tipo.

Mas, justamente porque a tradição germânica é de primeira importância neste campo, é pena que o volume passe em claro todo um conjunto de reflexões sobre tradução que pontuam a cultura de língua alemã dos séculos XVI a XVIII. É sabido que em trabalhos académicos, dirigidos a públicos muito específicos, há por vezes constrangimentos de natureza editorial que limitam de forma inconveniente o volume de texto que é possível publicar. O papel de um antologador torna-se, por isso, em muitos casos, desconfortável. Mas nem por esse motivo deixa de ser legítimo – nem que seja a título de advertência ao leitor menos informado que um trabalho como este inclui decerto entre o seu público-alvo – notar que obras de outros autores haveria certamente a integrar e que constituem omissões das quais o organizador do volume tem, inquestionavelmente, consciência. Ocorrem-nos que excertos do *Buch von der deutschen Poeterey* de Opitz, da *Deutsche Haubtsprache* de Schottel, de artigos de Gottsched na revista *Critische Beyträge* e em *Grundlegung einer deutschen Sprachkunst*, dos suíços Bodmer e Breitinger, de Herder e Hamann, teriam inteiro cabimento nesta antologia e a tornariam mais representativa do pensamento (em) alemão sobre a tradução. Sobretudo, o texto de Lutero *Sendbrief vom Dolmetschen*, de 1530, é incontornável.

No prefácio, Werner Heidermann explica que "Os critérios [de selecção] mais importantes foram o peso teórico dos textos em relação à tradutologia e a tematização não só da língua alemã, mas da língua como tal", dizendo ainda que certos textos não foram incluídos na antologia "[...] por causa de inúmeros exemplos que perdem seu sentido explicativo na tradução [...]" (p. 9). Os critérios são sãos, sem dúvida, mas há lugar para alguma discordância quanto a considerarmos que eles justifiquem a ausência de certos autores da antologia – que caucionem tão acentuada concentração desta no século XIX e que autorizem a exclusão dessa pedra angular da memória cultural alemã (e dos Estudos de Tradução) que é Lutero. De *Sendbrief vom Dolmetschen* diz o organizador do volume: "É incontestável que se trata de um documento de raro valor cultural e histórico. O carácter político e religioso-político da [carta], no entanto, pesa muito mais que as reflexões tradu-

tológicas. Em primeiro lugar, trata-se da disputa entre Lutero e seus adversários do clero. E, ao mesmo tempo, a frase-chave do texto representa a máxima da teoria luterana da tradução” (p. 13). E essa frase é então citada. Mas a questão é se basta citá-la, “[...] renunciando ao contexto [...]” (*ibidem*), ou se é este contexto que a ilumina – posição para a qual nos inclinamos. Não é, justamente, em contextos específicos de polémica ideológica, e em face de motivações e implicações político-institucionais concretas, que grandes reflexões sobre a cultura são produzidas, não é em clima de emergência social e intelectual que se repensa criticamente, radicalmente, a cultura? A acutilância instrumental e o tom de invectiva do texto de Lutero não (nos) parecem diminuir a sua pertinência, muito embora, como se alega, grande parte do seu texto não constitua directamente Teoria da Tradução: enquadra, no entanto, uma defesa importante da tradução – de um texto traduzido e de uma certa prática de traduzir – num argumento ideologicamente marcado, num debate em que essa Teoria da Tradução adquire a sua consequência histórica e hermenêutica específica. De resto, a Bíblia de Lutero foi desde logo um elemento essencial na constituição de uma norma linguística – um idioma-padrão com estatuto de língua de cultura –, de uma *Hochsprache* no espaço germânico. Também por isso, o modo como ele traduziu, a língua para a qual traduziu e a defesa que fez da sua tradução são verdadeiros marcos miliários, definidores do horizonte linguístico e tradutológico no qual os pensadores posteriores necessariamente se inserem.

Aliás, não foi por haver um ambiente de crítica e polémica em torno do escrito de Schlegel, que constitui réplica a intervenção desfavorável de outrem, que ele foi excluído da antologia. Por seu turno, o segundo texto de Hölderlin não parece ter relevância directa para a Teoria da Tradução, muito embora seja um texto importante de reflexão sobre o confronto da cultura alemã com a cultura grega da Antiguidade – e essa era uma discussão crucial para o autor e para muitos literatos do seu tempo. Será isto um pano de fundo para a reflexão sobre a tradução em geral, e surge, em concreto, a propósito de uma tradução da *Antígona* de Sófocles, mas tal relação com a tradução não se estabelece com clareza suficiente no excerto reproduzido. Pelo critério que serviu para excluir o texto de Lutero, portanto, dir-se-ia que este também não deveria figurar aqui; o mesmo se dirá das cartas que vêm a seguir (talvez com excepção da terceira).

Por outro lado, no que respeita ao tratamento dos textos incluídos na antologia, cremos que se justificam alguns reparos atinentes à desejável adequação de uma obra como esta às necessidades dos seus eventuais utilizadores que são os estudantes. Em síntese, dir-se-á que escasseiam as orientações, que faz falta o apontar de caminhos para os bons passeios pelo bosque da teoria (parafraseando Eco). Com efeito, o leitor menos avisado beneficiaria com a inclusão de mais algumas notas explicativas e de contextualização, que poderiam ter lugar num ensaio

de perspectivação global e/ou, para cada autor, à cabeça do(s) respectivo(s) texto(s). Justamente porque a problemática da tradução, e da reflexão sobre a cultura em geral, releva de circunstâncias históricas específicas, de debates filosóficos, questões políticas, acadêmicas, religiosas, literárias, filológicas, etc., que se situam num momento concreto, parece-nos que seria desejável um maior esforço de enquadramento dos documentos, em benefício do leitor *desprevenido* – como desprevenido em matéria de Germanística deve supor-se o destinatário virtual de uma antologia como esta. Demos alguns exemplos.

A colectânea veria o seu valor de uso acrescido, num contexto académico ou pedagógico, se ao tal leitor menos adestrado fosse fornecido um conjunto de informes que desde logo distinguissem posicionamentos teóricos e metodológicos tão variados como o de Schlegel, que denota preocupações eminentemente literárias, e o de Schleiermacher, que atribui uma grande amplitude fenomenológica ao conceito de tradução, chegando a apontar que é frequente precisarmos de “[...] traduzir o discurso de um outro que é igual a nós, porém de personalidade e mentalidade diferentes, quando sentimos que as mesmas palavras teriam um sentido bem diferente na nossa boca ou ao menos um valor mais forte ou mais fraco que na dele e que, se quiséssemos expressar à nossa maneira o mesmo que ele expressou, utilizaríamos palavras e locuções totalmente diferentes [...]” (p. 27) ou que “As vezes, os nossos próprios discursos devem ser traduzidos depois de um certo tempo, se quisermos que continuem sendo nossos” (pp. 27 e 29; tradução de Margarete von Mühlen Poll). São quadros conceptuais diversos, ainda que ambos incidam, naturalmente, sobre questões de tradução.

De modo semelhante, há situações em que haveria vantagem em fornecer esclarecimentos, mesmo (ou sobretudo?) em casos em que os textos são falsamente simples ou fazem uso de conceitos que poderão ser mal entendidos, por se prestarem a leituras fáceis mas enganosas. Exemplificando, o conceito de “espírito da língua” (*der Geist der Sprache*), em Schleiermacher (pp. 31-33 e 60-61; também em Schopenhauer, a pp. 168-169), bem como a ideia de que, em certas circunstâncias, “O objeto [...] só surge através da enunciação e ao mesmo tempo só existe com ela” (p. 33) só adquire o seu verdadeiro sentido à luz de certas ideias-matrizes da filosofia do Romantismo alemão, que valeria a pena explicar. O mesmo se dirá do conceito de “espírito do tempo” (*der Geist der Zeit*), que ocorre num texto de Hölderlin (pp. 146-147). E a distinção de Schleiermacher entre tradução e interpretação (*Übersetzen - Dolmetschen*), porque sobretudo o segundo termo é algo equivoco em português e também porque a própria oposição tem consequências hermenêuticas, teóricas e históricas importantes, mereceria ser comentada num texto de preocupação didáctica ou propedêutica. Quanto a Humboldt, dir-se-á que os próprios conceitos de *tradução* e de *traduzível* estão longe de ser problemáticos – e para isso seria desejável advertir o leitor –, como se torna óbvio quando

afirma a intraduzibilidade num texto de introdução a uma sua tradução - o paradoxo careceria de ser analisado (cf. p. 91). Outra ideia sua a justificar enquadramento filosófico é a de que as línguas são constituídas por "[...] sons que com as coisas e os conceitos representados se encontram numa verdadeira relação - se podemos chamá-la assim - mística, uma relação mediada pelo espírito do qual surgiram e continuam a surgir; sons que por assim dizer contêm os objetos da realidade dissolvidos em idéias e, de um modo que devemos considerar ilimitado, podem modificar, determinar, separar e estabelecer relações" (p. 95; trad. Susana Kampff Lages). No caso de Benjamin, também, ajudaria comentar pedagogicamente "[...] a tarefa de fazer amadurecer na tradução o sêmen da pura língua [...]", tarefa que ele (retoricamente?) declara indefinível (p. 205; trad. Susana Kampff Lages). E que dizer da ideia, à primeira vista paradoxal, sem dúvida desconcertante e talvez com uma acutilância tópica, de que "[...] a exigência de literalidade não pode ser derivada do interesse na manutenção do sentido. A esta última serve muito mais - mesmo que muito menos à literatura e à língua - a indisciplinada liberdade dos maus tradutores" (p. 207)? Benjamin, porque porto de chegada e pelo extraordinário alcance do seu pensamento, que não dispensa uma complexidade para muitos, decerto, dificultosa, poderia suscitar referências às teorias românticas da linguagem como instância configuradora do mundo, a conceitos da tradição espiritual e filosófica judaica dos quais a sua tradutologia apocalíptica é devedora, a uma teoria da linguagem e da cultura que as projecta num plano de incompletude, de idealidade, de expectativa, de promessa - e cuja cabal compreensão requer a leitura de outros ensaios, entre os quais "Über Sprache überhaupt und die Sprache des Menschen" (que se encontra disponível em versão portuguesa de Maria Luz Moita no volume intitulado *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa, Relógio d'Água, 1992, a pp. 177-196).

Nesta perspectiva, a apresentação dos trechos de Hölderlin é uma excepção, na medida em que oferece, de facto, uma sinopse e pistas de leitura e de contextualização. São ainda dadas sugestões de leitura para aprofundamento, no que se consuma um tratamento mais cuidado destes textos, da responsabilidade de Marcia Sá Cavalcante Schuback. No extremo oposto, encontramos períodos citados de Hemsterhuis, no texto de Schlegel (vd. pp. 107 e 109), e de Mallarmé, no texto de Benjamin (vd. p. 205), em francês, sem que se veja razão para ser subentendida a competência do leitor naquele idioma.

A montante, ainda, importaria datar com precisão todos os documentos, que aliás se percebe encontrarem-se ordenados no volume por uma ordem cronológica aproximada. Não têm data os textos de Goethe, de Hölderlin (excepto duas cartas - e mau-grado a presença do bom texto introdutório acima referido), de Schopenhauer e de Nietzsche; também o de Humboldt, no cabeçalho em português, que não no alemão. A jusante, haveria grande interesse em ponderar sobre o signi-

ficado que estes *clássicos* têm para a Teoria da Tradução posterior, os modos como constituem terreno de revisitação e crítica, para a Teoria da Tradução *de hoje*. Pois sem dúvida que o interesse que neles devemos ter não deriva meramente de uma curiosidade arqueológica, antes do facto de neles se encontrar um horizonte de saberes e de problemas com estatuto fundacional. Conhecer Schleiermacher, Benjamin e os seus pares (Lutero incluído) é, portanto, conhecer o quadro de preocupações culturais com as quais ainda nos debatemos.

Mas não se deixe o leitor enganar pelo facto de, nesta recensão, o espaço dedicado a sugerir outras orientações ser maior do que o dedicado a tecer considerações positivas sobre o trabalho apresentado, que é ambicioso, útil e estimulante. É, sobretudo, uma colectânea oportuna e bem-vinda aos Estudos de Tradução nos países de língua portuguesa, recheada de reflexões de consabida relevância histórica e teórica, e que nos faz aguardar com interesse a publicação dos volumes anunciados.